

Avaliação do conhecimento em práticas de higiene: uma abordagem qualitativa



Paula Tavoraro¹
Carlos Augusto Fernandes Oliveira²
Fernando Lefèvre³

TAVOLARO, P. ET AL. Evaluation of the knowledge in hygiene practices: a qualitative approach. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.19, p.243-54, jan/jun 2006.

It was investigated the knowledge of goat milkers on milking hygiene, before and after a Good Production Practices (GPP) training course, through a qualitative approach. In order to achieve this objective, milkers from three goat dairy farms in the state of São Paulo, Brazil, were interviewed, using a semi-structured questionnaire. The responses to the questions were recorded, transcribed and analyzed using the Discourse of the Collective Subject methodology. Milkers were then trained through a one-hour lecture following a content-based exposition and dialogue approach on "GPP principles" and "recommended hygienic procedures for milking". Two months after training, the milkers were interviewed again using the same questionnaire as before. No difference was found between discourses obtained before and after training. Individual analysis of the discourses showed that milkers had previous experience milking of animals, liked their jobs and were willing to learn more about it. However, they had no clear suggestions on how to improve their work routine.

KEY WORDS: discourse of the collective subject. food handlers. milkers. inservice training. occupational health.

Investigou-se o conhecimento de ordenhadores de cabra sobre higiene nas operações de ordenha, antes e após uma capacitação em Boas Práticas de Fabricação (BPF), por meio de uma abordagem qualitativa. Para isto, foram realizadas entrevistas com ordenhadores de três propriedades rurais do Estado de São Paulo, baseadas em um formulário semi-estruturado, cujas respostas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Após a entrevista inicial dos ordenhadores, em cada propriedade, realizou-se a capacitação em BPF por intermédio de aula expositiva dialogada, de uma hora de duração, sobre os temas "princípios gerais de BPF" e "cuidados higiênicos recomendados para ordenha". Após dois meses da capacitação, realizou-se nova entrevista com os ordenhadores. Não foram identificadas diferenças nos discursos obtidos antes e após a capacitação. A análise individual dos discursos mostrou que os ordenhadores apresentavam prévia experiência em ordenha de animais, gostavam do que faziam no trabalho e desejavam aprender mais sobre o ofício, mas não tinham sugestões claras em relação à melhoria do seu fluxo de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: discurso do sujeito coletivo. manipuladores. ordenhadores. capacitação em serviço. saúde ocupacional.

¹ Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia Experimental e Aplicada às Zoonoses, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. <ptavolaro@yahoo.com>

² Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, Universidade de São Paulo, Pirassununga, SP. <carlosaf@usp.br>

³ Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. <flefevre@usp.br>

² Departamento de Engenharia de Alimentos, Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, USP
Av. Duque de Caxias Norte, 225
Pirassununga, SP
Brasil - 13.635-900

Introdução

A capacitação de funcionários para a manipulação de alimentos é fundamental para o controle de microrganismos indesejáveis nas matérias-primas utilizadas na dieta humana. Isto é particularmente importante no que concerne ao leite, sobretudo o leite de cabra, uma vez que, durante a ordenha, este produto está sujeito a contaminações das mais variadas origens. O leite de cabra é um produto geralmente indicado para grupos populacionais específicos, como crianças, idosos e adultos debilitados, e a produção deste leite ocorre, principalmente, em países em desenvolvimento, sob condições rudimentares (Camacho & Sierra, 1988), por pequenos produtores, os quais, normalmente, não são assistidos por programas de extensão que envolvam higiene e melhoria das condições de produção. Estes fatores contribuem para diminuir a qualidade microbiológica do leite de cabra e, conseqüentemente, aumentar a probabilidade de riscos à saúde humana decorrentes do consumo de leite de cabra contaminado.

A expressão “Boas Práticas de Fabricação” (BPF) é utilizada para indicar um conjunto de ações aplicadas à produção de alimentos, medicamentos e instrumentos médicos, com a finalidade de assegurar a qualidade dos produtos e prevenir riscos à saúde do consumidor. As BPF foram implantadas na área de alimentos na década de 1970, embora somente tenham sido formalizadas em diversos países a partir de 1995 (Hooten, 1996). No Brasil, as BPF tornaram-se obrigatórias para a produção industrial de alimentos em 1997, quando foram publicadas as portarias 326/97, do Ministério da Saúde, e 368/97, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Brasil, 1997). Entretanto, não há obrigatoriedade de aplicação de BPF durante os procedimentos de ordenha em propriedades leiteiras.

Os trabalhos de extensão a pequenos proprietários rurais podem ser bastante influenciados pela ideologia dos técnicos, os quais, despreparados para lidarem com aspectos educativos, creditam a não-aceitação dos pacotes tecnológicos a três agentes principais: os próprios agricultores e sua ignorância; outros técnicos, incluindo seu despreparo e atitudes pouco éticas; e as instituições e seu poder (Oliveira, 1993). Assim, para superar este tipo de limitação na execução de programas de extensão, é necessário que se conheça mais a fundo o público-alvo a quem os programas são dirigidos. As pessoas que manipulam alimentos devem ser continuamente capacitadas, e para que sejam implementadas modificações nos hábitos higiênicos dos manipuladores, as crenças e atitudes relacionadas à segurança alimentar devem ser estudadas por métodos qualitativos (Costa et al., 2002; Coleman et al., 2000; Cleary, 1988; Mergler, 1987).

O objetivo do presente trabalho foi fazer uma avaliação qualitativa do conhecimento relacionado aos cuidados de higiene nas operações de ordenha de ordenhadores de cabra de pequenas propriedades localizadas no Estado de São Paulo, antes e após uma capacitação em BPF, empregando-se a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre & Lefèvre, 2003).

Métodos

O estudo foi conduzido em três propriedades de criação de caprinos para a produção de leite no Estado de São Paulo, duas delas com ordenha manual e



outra com ordenha mecânica. Em cada propriedade, a seqüência dos procedimentos de ordenha foi observada cuidadosamente, levando-se em consideração os itens previstos na planilha de avaliação das BPF estabelecida pela legislação brasileira (Brasil, 2002). Esta atividade possibilitou identificar os problemas mais importantes, referentes à higiene da rotina de ordenha, a serem abordados na capacitação em BPF aplicada aos ordenhadores.

Antes da observação dos procedimentos de ordenha e da capacitação, os ordenhadores foram entrevistados individualmente, sendo as respostas das perguntas gravadas e transcritas integralmente. Empregou-se, na entrevista, um formulário semi-estruturado, previamente testado e ajustado aos objetivos do estudo, contendo as seguintes questões: 1 Você é ordenhador, não é? Como chegou a ser ordenhador? 2 Como você aprendeu esse ofício? Teve algum treinamento? Fale um pouco sobre isso. 3 Você sabe quem costuma tomar o leite que o senhor ordenha? 4 Explique agora como você faz para ordenhar as cabras, desde o começo. 5 Qual a pior parte do seu trabalho? Existe alguma? 6 E a melhor parte? 7 O leite de cabra pode transmitir algumas doenças. O que você sabe sobre isso? 8 Você acha que vai continuar nesse trabalho? 9 Existe alguma coisa que você acha que poderia mudar aqui, que melhorasse o seu trabalho?

A capacitação em BPF foi realizada, nas três propriedades, pelo mesmo profissional veterinário, empregando-se material pedagógico com figuras e texto simples, escrito com fonte de tamanho trinta e elaborado de acordo com as informações obtidas nas entrevistas e com os problemas apontados durante a observação dos procedimentos de ordenha. Adotou-se como base o conceito de comunicação, e não de extensão, de Paulo Freire (Freire, 1977). Dois temas principais foram abordados, em uma palestra de cerca de uma hora de duração: princípios gerais de BPF e cuidados higiênicos recomendados para ordenha. Depois de apresentado e discutido este material, foram sugeridas as possíveis soluções técnicas para corrigir as deficiências encontradas em relação às BPF, chegando-se a um consenso sobre as modificações a serem implantadas, que variaram de propriedade para propriedade.

Após dois a três meses da conclusão da capacitação, foram realizadas novas visitas às propriedades estudadas. Nessa ocasião, cada ordenhador foi entrevistado novamente, com a finalidade de verificar a existência de diferenças nos discursos obtidos antes e depois da capacitação. Os dados qualitativos coletados pelas entrevistas de cinco ordenhadores antes da capacitação, e de três ordenhadores depois da capacitação, foram analisados de acordo com a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre & Lefèvre, 2003).

Resultados

As respostas obtidas nas questões um a nove do formulário aplicado antes e após a capacitação em BPF encontram-se nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1. Síntese das idéias centrais contidas no Discurso do Sujeito Coletivo de ordenhadores, **antes** da capacitação em BPF.

Questão	Idéias centrais	Discurso do Sujeito Coletivo
(1) O senhor é ordenhador, não é? Como chegou a ser ordenhador?	Trabalho inicial com outros animais Faz-tudo do campo	<i>Foi com gado, antes com cabra eu não mexia, comecei com vaca. Com cabra, comecei aqui. Eu trabalhava no campo, vim prá fazê um cercado no pasto, aí eu vi, gostei. Perguntaram se eu queria trabalhar aqui, aí eu gostei também, aí foi isso, eu vim sê ordenhador aqui mesmo, na chácara</i>
(2) Como o senhor aprendeu esse ofício? Teve algum treinamento? Fale um pouco sobre isso	Capacitação não formal Capacitação formal, mas com ordenha de vacas	<i>A primeira vez eu tava, eu vi o outro ordenheiro tirar, né.... Aí fui pegando... ele me ensinou duas, três vezes e aí eu fui adquirindo sozinho Eu fiz com vaca, com cabra não. Tive curso de... de casqueamento, de manejo de cabra, mas não sobre leite, não. Foi aqui mesmo, com o S. [veterinário da associação]</i>
(3) O senhor sabe quem costuma tomar o leite que o senhor ordenha?	Crianças bebem o leite de cabra, produto medicinal e hipoalergênico Não sabe o que acontece com o leite Idosos bebem o leite de cabra	<i>Quem costuma tomá? Ah, acho que a maioria é criança. Mais prá criança que tem alergia ao leite da vaca, criança tá com bronquite, né? Não. É que eu retiro ele, né? Retiro, ponho na queijaria. E daí, para lá eu já não sei mais o que acontece. Ah, é crianças e pessoas mais idosas, né? Tipo assim, criança tá com bronquite, pessoas mais velhas que tá com osteoporose, né?</i>
(4) Me explique agora como o senhor faz para ordenhar as cabras, desde o começo	Seqüência padrão, com pequenas variações	<i>A gente traz as cabra, aí faz o teste de mamite, depois lava com água normal, com água comum, depois, eu uso a água com a cândida, né? Prá fazê a primeira limpeza, o mais pesado, depois eu enxugo com papelzinho toalha ali, aí começa a ordenha. As cabras, eu ordenho uma por uma, depois de eu ordenhar, eu injeto solução de iodo, né, no teto.</i>
(5) Qual a pior parte do seu trabalho? Existe alguma?	Não tem pior parte, trabalho é trabalho e tem que ser feito	<i>Não tem uma pior parte, não? Eu sou uma pessoa que eu gosto mesmo de animal e é bom prá mexê com cabra. Serviço desse aí tem que fazê tudo mêmo, né, É todo dia, né, não tem dia parado. Sempre o mesmo horário, às vezes mais cedo ainda, às vezes, quando a gente qué saí, qualquer coisa. Mas é normal, é fácil, porque você dá água, trata, pica capim...</i>
(6) E a melhor parte?	Melhor parte é quando você não está trabalhando Melhor parte é o momento da ordenha Melhor parte é tomar o leite da cabra	<i>A melhor parte? É a hora que termina, quando chega sábado, e é a hora de receber A melhor parte para mim é a ordenha A melhor parte acho que é tomar o leite, né?</i>
(7) O leite de cabra pode transmitir algumas doenças. O que o senhor sabe sobre isso?	Tem poucas informações sobre as doenças transmitidas pelo leite	<i>Não, aí eu, isso aí eu não sei sobre nada. Que eu sei, é da mamite e da brucelose. o que eu sei é... a falta de higiene realmente transmite, é, pode ocasionar essas doenças. Eu mesmo procuro trabalhar na maior higiene que eu puder né?</i>
(8) O senhor acha que vai continuar neste trabalho?	Sim, mas não depende só dele	<i>Com certeza vou. Enquanto o rapaz tiver querendo continuar, acho que eu tô aqui. Tô gostando, não é um serviço assim que é pesado, vamo indo aí, vamo tocando o barco, mas não posso lhe garantir nada. O dia de amanhã não pertence a nós, né?</i>
(9) Existe alguma coisa que você acha que poderia mudar aqui, que melhorasse o seu trabalho?	Modificações na estrutura física melhorariam o trabalho Não há necessidade de melhorias	<i>Acho que o patrão tá pensando em fazer um galpão melhor e uma sala de ordenha mais perto, e se ele fizé realmente vai melhorá, né? Pra mim, pra mim, assim, o serviço geralmente, para mim tá bom, o trabalho até que tá indo bem, tem todo, tem ferramenta, tem, né, presteza, do jeito que tá, tá bom.</i>

Tabela 2. Síntese das idéias centrais contidas no Discurso do Sujeito Coletivo de ordenhadores, **após** a capacitação em BPF.

Questão	Idéias centrais	Discurso do Sujeito Coletivo
(1) O senhor é ordenhador, não é? Como chegou a ser ordenhador?	Trabalho inicial com outros animais Foi o emprego que arranjou	<i>Eu trabalhava como ordenhador de vaca. Aí eu passei aqui no sítio e comecei a ordenhar as cabras, que é pouca diferença com vaca, é muito mais fácil do que a vaca Ah, isso aí foi por acaso, né? Nunca fui caseiro na minha vida. Aí fui, arrumei esse emprego aqui, né? Aí cheguei aqui, falaram, ó você vai ter que tirar leite, eu nunca tinha feito na minha vida. Nos primeiros dias foi complicado mesmo, né? Mas depois aprendi. A gente foi aprimorando, o jeito, a higiene, essas coisas, com vocês, né? Tive um treinamento com o seu A. [dono do capril], né, para não forçar tanto o úbere da cabra. E você falando, o S. [veterinário da associação] veio e falou como é que tem que fazer a parte de peito para não pegar esses tipos de doença, essas coisas eu não sabia</i>
(2) Como o senhor aprendeu esse ofício? Teve algum treinamento? Fale um pouco sobre isso	Capacitação não formal Capacitação formal, mas com ordenha de vacas	<i>Tive curso. Tive vários cursos. De como evitar mamite, de como, a parte de limpeza, tudo isso foi feito. Quando eu era ordenhador de vaca A maioria é criança. Um é minha filha, ela toma desde os 7 meses de idade e até hoje ela toma, né? Também criança que tem alergia</i>
(3) O senhor sabe quem costuma tomar o leite que o senhor ordenha?	Crianças bebem o leite de cabra, produto medicinal e hipoalergênico	<i>O menino pega as cabras, escova ela antes, depois leva para mim. Eu amarro aqui. A gente faz o teste de mamite. Depois a gente vem lavando, e o outro vem enxugando com o papelzinho toalha, né? Limpo bem a mão no álcool, e faço a ordenha. depois eu desinfeto, né? Com iodo, solução pós-ordenha</i>
(4) Me explique agora como o senhor faz para ordenhar as cabras, desde o começo	Seqüência padrão, com pequenas variações	<i>Trabalho é sempre trabalho, né? Acho que tudo a mesma coisa, é um pouco é assim, um pouco corrido, né? Mas eu acho que da parte da cabra não tem. é tudo bom de fazer. Acho que não tem pior parte, acho que é tudo legal</i>
(5) Qual a pior parte do seu trabalho? Existe alguma?	Não tem pior parte, trabalho é trabalho e tem que ser feito	<i>Ah, a melhor parte é quando eu pego folga, né? É quando termina a ordenha A melhor parte é quando tá pasteurizando o leite. Que o leite tá lá, tá engarrafando, tá saindo, tá tudo bonitinho, aí eu gosto</i>
(6) E a melhor parte?	A melhor parte é quando você não está trabalhando Melhor parte é quando o leite está pronto para o consumo	<i>Eu sei que pode transmitir através do ar, né? Do ar, do ambiente, né? Então é pano, vasilha, utensílios. Agora, o tipo da doença não sei, acho que tuberculose é uma, as outra, ah, não lembro!</i>
(7) O leite de cabra pode transmitir algumas doenças. O que o senhor sabe sobre isso?	Tem poucas informações sobre as doenças transmitidas pelo leite	<i>A vida da gente, a gente nunca sabe o que pode acontecer amanhã ou depois, tanto da minha parte quando da parte do patrão. Mas acho que continuo sim, mais uns 3 anos, ainda. Eu tenho família e dependo do salário. Se alguém me oferecer uma oferta melhor que eu vou dar uma condição de vida melhor para minha família, é óbvio que eu vou aceitar, se não, não tenho pra quê, né, ficar saindo</i>
(8) O senhor acha que vai continuar neste trabalho?	Sim, mas não depende só dele	<i>Acho que vai fazer a sala de ordenha, que é o que mais precisa mesmo e o patrão falou que ele vai fazer, ali em cima, um escritório fechado, vai mandar fechá, azulejá, que vai ficar a coisa mais linda. E já pedi para ele colocar aquele papel ali, colocar uma papeleira, né, fechadinho, tal. Vou pedir para ele, ver se ele consegue colocar também saboneteira aqui, se ele colocasse uma água quente aqui, facilitaria bem mais melhor, o trabalho, né?</i>
(9) Existe alguma coisa que você acha que poderia mudar aqui, que melhorasse o seu trabalho?	Modificações devem ser feitas Modificações são necessárias, mas não dependem dele, e sim do patrão	<i>Óia, tem muita coisa que melhoraria, mas depende muito do patrão, aí não é, não faz a minha parte. Eu quero fazer, mas depende dele, né?</i>



Para a questão 1, foram observadas duas situações básicas: ou o indivíduo trabalhava com outros animais, ou fazia um pouco de tudo nas propriedades rurais, e não houve mudança nas idéias centrais antes e após a capacitação. Na questão 2, aparece a noção de que a ordenha é um trabalho solitário, que se aprende sozinho, no dia-a-dia, e que o ordenhador considera que não há variações no procedimento de ordenha de espécies diferentes. Na maioria dos casos, o procedimento foi ensinado por outro ordenhador, e, em apenas um dos casos, por um veterinário. Aqui, existe a sugestão de que os próprios veterinários não consideraram a capacitação dos ordenhadores entrevistados como algo a que deveriam dedicar muita atenção, pois o modo de ordenha é um dos menores problemas enfrentados por esses profissionais no seu dia-a-dia de trabalho em propriedades produtoras de leite de cabra. Neste caso, perde-se uma chance para a melhoria da qualidade do leite, assim como para a disseminação de diferenças de manejo de espécies leiteiras diversas.

No tocante à questão 3, apenas um dos ordenhadores não sabia o que acontecia com o leite, e os outros sabiam que o leite era consumido preferencialmente por crianças. Dois deles falaram sobre o consumo por crianças doentes e alérgicas, e um deles, do consumo por idosos. Verificou-se, com isso, que os ordenhadores sabiam que o leite de cabra é um produto que tem uso medicinal, o que foi repetido na aplicação deste mesmo questionário após a capacitação. Quanto à questão 4, todos os ordenhadores executavam o procedimento padrão esperado, com algumas modificações: dois deles afirmaram fazer o teste da caneca de fundo preto; todos lavavam os tetos com água fria, e não com água morna; dois deles faziam uma desinfecção com água clorada antes da ordenha, embora a quantidade de cloro colocada não fosse uma medida conhecida; todos enxugavam os tetos com papel toalha, usando o mesmo papel para os dois tetos, e então começavam a ordenha; dois deles forneciam alimento no cocho durante a ordenha, mas apenas um fornecia concentrado específico para animal leiteiro; todos os outros usavam apenas farelo para que o animal ficasse mais tranqüilo durante o procedimento; depois da ordenha, todos usavam solução à base de iodo para proteção contra a mastite.

No que concerne à questão 5, três dos ordenhadores afirmaram que o trabalho com as cabras era agradável, e dois deles, que trabalho é apenas trabalho. Dois deles deram a entender que algumas atividades eram mais custosas de serem executadas, como a retirada do esterco. Entretanto, consideraram que, de maneira geral, a lida com os animais não era atividade pesada, e que raramente saíam cansados no final do dia. A questão 6, relacionada à questão anterior, revelou diferentes idéias centrais nos discursos antes da capacitação: o melhor momento é quando não se está trabalhando (um discurso); ou quando se recebe o pagamento (um discurso); é o momento da ordenha (um discurso); ou é o próprio leite (dois discursos). Após a capacitação, foram observados dois tipos de resposta: a melhor parte é o momento de folga (dois discursos), ou quando o leite está pronto para o consumo (um discurso).

As idéias centrais apresentadas à questão 7, antes da capacitação, indicaram que o conhecimento dos ordenhadores versava sobre as doenças que afetam a produção de leite (mastites) ou a brucelose, herança do trabalho com vacas,

uma vez que a *Brucella mellitensis*, transmitida pela cabra, é uma doença exótica, não notificada no Brasil (Astudillo, 2004). Apenas um dos ordenhadores se referiu à higiene do procedimento como algo de importância para a veiculação de doenças pelo leite, mas a relação entre o leite e as doenças pareceu ser mais freqüentemente associada à saúde do animal do que à higiene na ordenha do leite. Outro ordenhador mostrou que gostaria de aprender mais sobre as doenças, por entender que este é um ponto importante para melhorar seu trabalho e sua vida.

Na questão 8, a maioria dos trabalhadores respondeu que permanecer no trabalho não dependia unicamente deles, e sim de conjunturas externas a eles, o que se repetiu nas respostas obtidas após a capacitação. Entretanto, nos discursos obtidos antes da capacitação, os ordenhadores afirmaram que, pelo fato de gostarem do trabalho com os animais, era possível que continuassem. Quanto à questão 9, os discursos foram diversos: dois deles gostariam de mudanças na estrutura física, que melhorariam o fluxo do trabalho, o que se repetiu na análise dos mesmos questionários no final do estudo. Dois outros achavam que não havia necessidade de modificações, e apenas um se referiu a um salário melhor.

Discussão

A Organização Mundial de Saúde recomenda que os programas educacionais sejam culturalmente apropriados para os manipuladores de diferentes países, levando-se em consideração os hábitos alimentares e crenças da população de modo que se consiga mudanças nos hábitos e atitudes em relação aos alimentos (Ehiri & Morris, 1994). Para tanto, devem-se utilizar métodos antropológicos e sociológicos na determinação de programas em segurança alimentar. O uso de entrevistas tem como objetivo explorar e descrever o espectro de atitudes e experiências dentro de um certo campo, mais do que quantificar as opiniões coletadas (Vaarst et al., 2002). Isto baseia-se no fato de que, para conseguir implantar boas práticas de higiene na manipulação de alimentos, todos os fatores que condicionam estas práticas (individuais e coletivos, comportamentais e ambientais) devem ser investigados (Costa et al., 2002).

A análise dos discursos apresentados para a questão 1, "*O senhor é ordenhador, não é? Como chegou a ser ordenhador?*", permite constatar que, para os ordenhadores entrevistados, o trabalho com os animais é algo que pode não variar muito segundo a espécie com que se lida, não se explorando a necessidade de especialização; e que, embora possam ter recebido algum tipo de capacitação questão 2, o trabalho se aprende é no dia-a-dia, ao se executarem as atividades. Por outro lado, a idéia de faz-tudo no campo, presente nos discursos tanto antes quanto após a capacitação, pode ser vista como simples oportunidade de trabalho dentro das cidades onde esses trabalhadores moram. São ordenhadores, assim como poderiam estar trabalhando em qualquer outro ramo de atividade de baixa especialização.

Na questão 2, "*Como o senhor aprendeu esse ofício? Teve algum treinamento? Fale um pouco sobre isso*", não foram observadas diferenças comparando-se a resposta obtida antes e após a capacitação em BPF. A capacitação formal ocorreu apenas na propriedade 2, onde havia ordenha



mecânica e o leite era parte da renda da propriedade; as outras propriedades eram apenas sítios de fim-de-semana. No discurso obtido após a capacitação, ficou mais claro que a capacitação desse funcionário tinha ido além do que a que ocorreu em outras propriedades, envolvendo cursos sobre manejo e saúde dos animais, o que mostra que o vínculo financeiro que esse proprietário tem com a criação de cabras e sua produção leiteira pode levar a um maior interesse na capacitação dos ordenhadores.

Para a questão 3 "*O senhor sabe quem costuma tomar o leite que o senhor ordenha?*", notou-se, no ordenhador que desconhecia o que acontecia com o leite, a sensação de que ele não dominava o fluxo de seu trabalho. Isto pode ser um fator que influenciou o sucesso da capacitação, pois o desconhecimento do fluxo de trabalho não estimula a participação e o envolvimento. Os trabalhadores têm uma noção fragmentada sobre qual a melhor forma de se executar uma tarefa. Eles normalmente são tecnicamente qualificados na sua pequena área de conhecimento, são disciplinados, politicamente submissos, isolados e não organizados, pois o conteúdo do seu trabalho foi esvaziado e mecanizado (Kuenzer, 1995). A participação e iniciativa dos trabalhadores tende a ser fraca se eles não estiverem bem representados (Mergler, 1987), o que é uma realidade para os ordenhadores, que não são organizados como uma classe. A participação, portanto, estaria apoiada na postura individual do ordenhador, na confiança que ele tivesse no técnico, e no seu interesse em relação ao trabalho que estivesse executando. A relação de descompromisso com o trabalho, visível na análise dos discursos do grupo em estudo nas duas ocasiões, foi possivelmente um dos grandes entraves ao sucesso do treinamento em BPF.

Quanto à questão 4, "*Explique agora como o senhor faz para ordenhar as cabras, desde o começo*", apenas um dos ordenhadores se referiu à higiene necessária ao procedimento, principalmente mãos limpas e unhas cortadas, e ao uso de desinfetante nas mãos antes da ordenha, e outro afirmou que a lavagem da sala de ordenha era importante. Entretanto, a lavagem das mãos antes de começar a ordenha nunca foi citada como parte do processo. Alguns dos ordenhadores eram também responsáveis por buscar as cabras, após o que ordenhavam os animais, sem lavar as mãos, tanto antes quanto depois da capacitação. Duas das propriedades tinham pias e detergente disponível na sala de ordenha, mas que eram apenas usados para lavar os materiais antes da ordenha, e não as mãos, seja antes ou durante a ordenha. Nos dois locais onde a sala de ordenha era aberta, não havia pia ou detergente disponível. Na propriedade onde havia ordenha mecânica, os funcionários que buscavam as cabras, às vezes, lavavam as mãos antes da ordenha, porém isto pode ter ocorrido devido ao efeito de Hawthorne (Goldehar & Schulte, 1994), segundo o qual os trabalhadores mudam seu comportamento simplesmente porque os pesquisadores estão presentes no local de trabalho. Portanto, o procedimento de ordenha permaneceu o mesmo nos discursos antes e após o treinamento, o que pôde ser confirmado pela observação do trabalho na ordenha.

No que concerne à questão 5, "*Qual a pior parte do seu trabalho? Existe alguma?*", os ordenhadores consideraram que, de maneira geral, as atividades executadas não eram cansativas. Na ordenha de vacas, por outro lado, já foi demonstrado que o impacto da carga física pode afetar a capacidade

de trabalho e o estado de saúde de trabalhadores na ordenha (Shenkman & Badken, 1989), como em outros tipos de atividades (Sell, 2002). Na resposta obtida à mesma pergunta aplicada após a capacitação, repetiu-se a observação de que trabalho é apenas trabalho, não existindo uma pior parte. O tipo de atitude observada nesses discursos não é mérito único dessa categoria de trabalhadores e pode dificultar enormemente o envolvimento desses homens em programas educativos. Pode-se entrever, nas respostas, um baixo grau de comprometimento com as tarefas, não apenas nesta questão, mas também na questão seguinte da entrevista.

As respostas dadas à questão 6, "*E a melhor parte?*", indicaram, novamente, a idéia de que, por se tratar de um trabalho não altamente qualificado, os trabalhadores entrevistados o aceitam, como aceitariam outro tipo de trabalho dentro ou fora de propriedades rurais, a fim de garantir sua sobrevivência. Contudo, houve uma resposta que se destacou das outras: o funcionário que acreditava ser a melhor parte "*quando tá pasteurizando o leite. [...] Que o leite tá lá, tá engarrafando, tá saindo, tá tudo bonitinho*", era o mesmo que foi submetido a cursos formais de capacitação em manejo dos animais e produção de leite. Este fato sugere que o investimento dos proprietários rurais na capacitação técnica pode elevar a auto-estima dos funcionários e, conseqüentemente, gerar maior envolvimento e abertura ao processo educativo.



No discurso apresentado à questão 7, "*O leite de cabra pode transmitir algumas doenças. O que o senhor sabe sobre isso?*", observou-se um maior conhecimento dos ordenhadores sobre as doenças transmitidas por alimentos, que era o que se buscava nas entrevistas, após a capacitação em BPF. Um dos funcionários se referiu ao assunto abordado na capacitação, observando que o material usado na ordenha e a higiene do procedimento eram importantes para a transmissão de doenças pelo leite. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de o intervalo entre a capacitação e o novo questionário ter sido menor do que nas outras propriedades, por arranjos no cronograma do estudo. Já o ordenhador que foi capacitado formalmente lembrou-se da tuberculose, o que provavelmente foi abordado em cursos que ele tenha freqüentado sobre a tecnologia do leite. Outro ordenhador, que passava por problemas pessoais, pediu desculpas por não se lembrar do que tinha sido falado. Aqui, pode-se fazer uma crítica ao formato da capacitação neste estudo, uma aula expositiva, pouco incentivadora da participação (Bernardo, 2003), o que reforça a necessidade de preparação para o técnico exercer adequadamente seu papel como educador.

Quanto à questão 8, "*O senhor acha que vai continuar neste trabalho?*", um dos ordenhadores se referiu ao fato de o trabalho não ser difícil nem pesado, e também afirmou que o trabalho é sempre igual, o que pode ser pouco desafiador e motivador para ele, levando a um certo desinteresse pela sua na rotina e por modificações dela. Este era o mesmo ordenhador que afirmou não saber o destino final do leite que ordenhava. Na resposta obtida após a capacitação, a questão da sobrevivência e do sustento da família foi abordada, o que não foi tão claro na primeira entrevista. Todas as respostas indicam o pequeno comprometimento dos trabalhadores do grupo analisado com seu trabalho, o que acabou dificultando enormemente os resultados do

treinamento.

Dos discursos apresentados para a questão 9, "*Existe alguma coisa que você acha que poderia mudar aqui, que melhorasse o seu trabalho?*", após a capacitação, destaca-se o do funcionário cujo intervalo entre as entrevistas feitas antes e após a capacitação foi menor, o qual refere-se claramente às informações abordadas na capacitação sobre higiene e BPF aplicadas ao procedimento de ordenha.

A análise global das idéias centrais, obtidas nas entrevistas com os ordenhadores das três propriedades, demonstraram que os funcionários tinham noção da necessidade de limpeza na ordenha, mas ignoravam a existência da necessidade de uma etapa de desinfecção. Deste modo, procurou-se trabalhar com estes conceitos, e enfatizou-se esta diferença no processo de capacitação. Um segundo ponto observado nos locais em estudo, e também bastante comum em outras pequenas propriedades, é o fato de a mão-de-obra ser constituída de apenas um funcionário, ou de um pequeno grupo familiar, que se dedica a todas as atividades dentro da propriedade. Esta múltipla dedicação, no presente trabalho, deve ter contribuído para que não existissem cuidados especiais com o momento da ordenha (uso de uniforme diferenciado, lavagem de mãos constante durante o procedimento), pela carga de atividades da qual esses trabalhadores têm que dar conta. Assim, apesar de os ordenhadores terem considerado importante o que tinham aprendido, a ponto de repetirem algumas das informações na entrevista contendo as mesmas questões realizada um a dois meses após o treinamento em BPF, observou-se uma enorme dificuldade para se modificar os procedimentos já cristalizados pelo hábito.

Os veterinários que normalmente estão envolvidos neste tipo de ação educativa em propriedades leiteiras muitas vezes encontram dificuldades na transferência do conhecimento ao homem do campo, devido às próprias limitações de sua formação profissional. Neste sentido, as idéias centrais dos relatos dos ordenhadores entrevistados deveriam ser levadas em consideração pelos veterinários em seus trabalhos de educação em propriedades de criação de caprinos. Adicionalmente, são necessárias grandes mudanças no currículo de graduação em veterinária, privilegiando, além das informações técnicas, uma formação mais humanística e holística (Goodger, 1982). Este tipo de mudança poderia beneficiar enormemente tanto a população em geral quanto os trabalhadores com os quais os veterinários devem ter contato.

Conclusões

Os resultados do presente trabalho evidenciaram as dificuldades de se trabalhar com educação para a mudança de comportamento de ordenhadores de cabra. Embora os funcionários saibam que os conhecimentos discutidos são importantes, mudanças na rotina acabam sendo afetadas por uma série de barreiras técnicas à implantação dos programas de garantia de qualidade, além de barreiras de natureza antropológica e sociológica que deveriam ser ao menos conhecidas e estudadas pelos profissionais responsáveis pela capacitação de mão-de-obra



em áreas rurais. Esta abordagem deveria ser melhor explorada em programas educativos destinados à melhoria da qualidade do leite de cabra, de modo a se ampliar o alcance e a eficácia das ações de extensão aos produtores rurais.

Referências

- ASTUDILLO, V. **Brucelose**. Disponível em: <http://www.cda.sp.gov.br/Programas/BruTb/doencas/BRU/d_doebru1.htm>. Acesso em: 25 mai. 2004.
- BERNARDO, T. New technologies imperative to medical education. **J. Vet. Med. Educ.**, v.30, p.318-25, 2003.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Portaria 368, de 08 set. 1997. **Aprova o regulamento técnico sobre as condições higiênico-sanitárias e de boas práticas de fabricação para estabelecimentos elaboradores / industrializadores de alimentos**. Disponível em: <<http://oc4j.agricultura.gov.br/agrolegis/do/consultaLei?op=viewTextual&codigo=3015>>. Acesso em: 10 set. 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução RDC 275, de 21 out. 2002. **Aprova o regulamento técnico de procedimentos operacionais padronizados aplicados aos estabelecimentos produtores / industrializadores de alimentos e a lista de verificação das boas práticas de fabricação**. Disponível em: <<http://e-legis.bvs.br/leisref/public/showAct.php?id=8134>>. Acesso em: 10 set. 2004.
- CAMACHO, L.; SIERRA, C. Diagnostico sanitario y tecnologico del proceso artesanal del queso fresco de cabra en Chile. **Arch. Latinoam. Nutr.**, v.38, p.935-45, 1988.
- CLEARY, H. P. Health education: the role and functions of the specialist and generalist. **Rev. Saude Publica**, v.22, p.64-72, 1988.
- COLEMAN, P.; GRIFFITH, C.; BOTTERILL, D. Welsh caterers: an exploratory study of attitudes towards safe food handling in hospitality industry. **Int. J. Hosp. Manag.**, v.19, p.145-57, 2000.
- COSTA, E. Q.; LIMA, E. S.; RIBEIRO, V. M. B. O treinamento de merendeiras: análise do material instrucional do Instituto de Nutrição Annes Dias – Rio de Janeiro (1956-94). **Hist. Ciênc. Saúde Manguinhos**, v.9, p.535-60, 2002.
- EHIRI, J. E.; MORRIS, G. P. Food safety control strategies: a critical review of traditional approaches. **Int. J. Environ. Health Res.**, v.4, p.254-63, 1994.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- GOLDEHAR, L. M.; SCHULTE, P. A. Intervention research in occupational health and safety. **J. Occup. Environ. Med.**, v.36, p.763-75, 1994.
- GOODGER, W. J.; RUPPANNER, R. Why the dairy industry does not make greater use of veterinarians? **J. Am. Vet. Med. Assoc.**, v.181, p.706-10, 1982.
- HOOTEN, F. W. **A brief history of FDA good manufacturing practices**. Disponível em: <<http://www.devicelink.com/mddi/archive/96/05/015.html>>. Acesso em: 02 abr. 2004.
- KUENZER, A. Z. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1995.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- MERGLER, D. Worker participation in occupational health research: theory and practice. **Int. J. Health Serv.**, v.17, p.151-67, 1987.



OLIVEIRA, M.T. B. A ambigüidade da extensão rural universitária e as acusações de técnicos. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, v.31, p.103-24, 1993.

SELL, I. **Projeto do trabalho humano: melhorando as condições de trabalho**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

SHENKMAN, G. S.; BADKEN, V. V. Physiologic and hygienic evaluation of the work of operators of mechanical milking. **Gig. Tr. Prof. Zabol.**, v.5, p.14-6, 1989.

VAARST, M.; PAARUP-LAURSEN, B.; HOUE, H.; FOSSING, C. Farmer's choice of medical treatment of mastitis in Danish dairy herds based on qualitative research interviews. **J. Dairy Sci.**, v.85, p.992-1001, 2002.



TAVOLARO, P. ET AL. Evaluación del conocimiento en prácticas de higiene: un análisis cualitativo. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.19, p.243-54, jan/jun 2006.

En este trabajo se evaluó cualitativamente el conocimiento de ordeñadores de cabra acerca de higiene en las operaciones de ordeño antes y después de ser entrenados en Buenas Prácticas de Fabricación (BPF). Con este fin se realizaron entrevistas con ordeñadores de tres establecimientos rurales en el estado de São Paulo, Brasil. Las entrevistas se basaron en un cuestionario semiestructurado y las respuestas fueron gravadas, transcritas y analizadas usando el método del Discurso del Sujeto Colectivo. Después de la entrevista inicial de los ordeñadores de cada establecimiento se realizó la capacitación en BPF mediante una clase expositiva de una hora de duración sobre los temas "Principios generales de BPF" y "Cuidados higiénicos recomendados para el ordeño". Entre 1 y 2 meses después del entrenamiento los ordeñadores fueron entrevistados nuevamente. No encontramos diferencias entre los discursos obtenidos antes y después del entrenamiento, y un análisis individual de los mismos mostró que los ordeñadores tenían experiencia previa de ordeño, les gustaba su trabajo y les gustaría aprender más sobre el oficio, pero que no tenían sugerencias claras sobre cómo mejorar su flujo de trabajo.

PALABRAS CLAVE: discurso del sujeto colectivo. manipuladores. ordeñadore. capacitación en servicio. salud ocupacional.

Recebido em: 19/04/05. Aprovado em: 04/10/05.